

Breves comentários sobre as teorias marxistas de imigração

RAUL FELIX BARBOSA*

Resumo

Sabe-se que o capitalismo possui sua parcela de responsabilidade nos movimentos migratórios, voluntários ou forçados, do período pós-revolução industrial. Apesar de Karl Marx não ter abordado diretamente a questão migratório, a teoria marxista e neomarxista se ocupa de explicar os processos migratórios. Esse artigo realiza um levantamento das teorias migratórias de origem marxista apresentando-as, bem como as críticas recebidas.

Palavras-chave: Teoria migratória; Migrações; Sistema mundo; Capitalismo; Demografia.

Brief comments on Marxian immigration theories

Abstract

It is known that capitalism has its share of responsibility in the migratory movements, voluntary or forced, of the post-industrial revolution period. Although Karl Marx didn't directly address the issue of migration, Marxist and neo-Marxist theory is concerned with explaining migratory processes. This paper presents a survey of the migratory theories of Marxist origin presenting them, as well as the criticisms received.

Key words: Migration theory; Migration; World system; Capitalism; Demography.



* RAUL FELIX BARBOSA é doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Introdução

As teorias marxistas da migração examinam o deslocamento de pessoas de uma região ou país para outra em resposta às forças econômicas em jogo em um contexto histórico específico. Estas teorias são baseadas no materialismo histórico, um método de investigação desenvolvido por Karl Marx em seus primeiros trabalhos e aplicado rigorosamente a uma ampla gama de questões econômicas e políticas. Em sua biografia intelectual de Karl Marx, Isaiah Berlin (1963, p. 89) observou: “Ele [Marx] não o considerava como um novo sistema filosófico, mas como um método prático de análise social e histórica, como uma base para a estratégia política”. Embora Marx nunca tenha publicado uma exposição abrangente do materialismo histórico, resumiu sucintamente os princípios básicos:

Na produção social que os homens seguem, entram em relações definidas, indispensáveis e independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem

a um estágio definido de desenvolvimento de seus poderes materiais de produção. A soma dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade – o verdadeiro fundamento sobre o qual se erguem as superestruturas legais e políticas e às quais correspondem formas definidas de consciência social. O modo de produção na vida material determina o caráter geral dos processos sociais, políticos e espirituais da vida (MARX, 1959, p. 42).

A *Opus Magnum* de Marx do materialismo histórico é a trilogia monumental, de *O Capital: Contribuição à Crítica da Economia Política*, publicado pela primeira vez em 1867. O fato de *O Capital* ter sido reeditado e amplamente difundido nos círculos financeiros internacionais durante a recessão mundial de 2007-9 testemunha a validade duradoura da análise econômica de Marx. A observação de Berlin de que o propósito do materialismo histórico é também fornecer “uma base para a estratégia

política” deve ser constantemente lembrada ao considerar as teorias marxistas da migração. Karl Marx não era um observador neutro da exploração dos trabalhadores.

No início de sua carreira, ele declarou o objetivo final de seus estudos: “os filósofos só interpretaram o mundo de várias maneiras; o ponto é mudá-lo” (MARX, 1973, p. 123). Sua coautoria com Fredrick Engels do Manifesto da Parte Comunista, encomendado pela Liga Comunista em Londres e publicada algumas semanas antes da revolução de Paris de 1848, não deixa dúvidas sobre a posição política de Marx (e Engels) sobre o conflito entre capital e trabalho na sociedade moderna (MARX; ENGELS, 2015).

Na mesma linha da crítica social, as teorias marxistas da migração, iniciadas por Marx e Engels no século XIX (1953) e desenvolvidas por Gorz (1970), Marshall (1973), Castells (1975) e Nikolinakos focam nos aspectos exploratórios e perturbadores da migração humana no mundo moderno. As teorias neomarxistas do sistema mundial que relacionam as tendências contemporâneas da migração humana com as megatendências da globalização baseiam-se no trabalho de Wallerstein (1974). Os teóricos da migração do sistema mundial, que exploram as conexões entre a migração internacional de trabalhadores e os mercados mundiais, incluem Petras (1981) e Portes e Walton (1981).

Uma nota sobre a migração pré-capitalista

O foco principal das teorias marxistas da migração é a migração de mão-de-obra sob o capitalismo, uma vez que se tornou a forma dominante de produção no mundo moderno. A migração pré-capitalista é vista como uma resposta

social à invasão e deslocamento por uma população hostil, pressão demográfica, mudanças nos meios de produção ou termos de propriedade da terra, ou por fatores ambientais como a seca ou o esgotamento do solo.

Essa migração pré-capitalista é de interesse político histórico, mas não urgente. Enquanto os marxistas reconhecem que “a história de toda a sociedade até então existente é a história das lutas de classes” (MARX; ENGELS, 1969), é a penetração do capitalismo nas sociedades tradicionais e a conversão da maioria da população em trabalhadores assalariados alienados sujeitos a migração de mão-de-obra que é o tema da maioria das teorias marxistas da migração.

Forças econômicas que impulsionam a migração

Três teses fundamentais da análise marxista – a teoria do valor do trabalho, a relação inversa entre lucro e salários no modo de produção capitalista e a necessidade do serviço de reservas e da força de trabalho produtiva nas economias capitalistas – identificam os aspectos essenciais da produção que impulsionam a política migratória em países capitalistas.

A teoria do valor do trabalho localiza a criação de valor econômico no trabalho humano. Esta tese marxista fundamental contrasta radicalmente com a teoria do valor do mercado neoclássico que afirma que, independentemente da quantidade de trabalho necessária para produzir um produto ou serviço, o valor é apenas uma função da oferta e da procura. De acordo com a teoria do valor do trabalho, a acumulação de capital depende diretamente da exploração do trabalho.

O fato de que a demanda de capital pelo trabalho é elástica é fundamental para entender as políticas de imigração nas

nações capitalistas. Durante os períodos de expansão econômica, a demanda por mão-de-obra aumenta e estimula a migração interna de mão-de-obra para centros industriais e zonas de livre comércio e migração internacional de mão-de-obra para países industrializados. Durante os períodos de estagnação e contração econômica, a procura de mão-de-obra diminui, criando desemprego e, no caso dos migrantes internacionais, provocando repatriamento (incluindo regressos voluntários aos países de origem e deportações forçadas dos países de acolhimento).

O boom econômico nos Estados Unidos durante a década de 1990 que estimulou a migração maciça (e em grande parte não documentada), principalmente do México, mas também de outros países do Sul global, e a crise econômica que começou em 2001 e acelerou durante a recessão de 2007-9, que estimulou a maior deportação de migrantes indocumentados na história, oferece um exemplo contemporâneo de como a economia impulsiona a política de imigração através da demanda elástica de mão-de-obra nos países capitalistas.

A relação inversa entre lucro e salário no modo de produção capitalista – o fato de que os lucros da produção aumentam na mesma proporção em que a participação dos salários diminui e vice-versa – também impulsiona a política de imigração oficial e informal nos países capitalistas. O trabalho imigrante, em especial os imigrantes empobrecidos de nações menos desenvolvidas, pode ser empregado com salários significativamente mais baixos do que os trabalhadores cidadãos estabelecidos nos países desenvolvidos. Trabalhadores migrantes indocumentados, sem proteção legal efetiva, podem ser contratados por menos. Historicamente,

a acumulação de capital tem sido diretamente ligada à exploração do trabalho imigrante no mundo moderno (ZINN, 2003).

A existência de um serviço de reserva e de mão-de-obra de produção, uma classe de trabalhadores que podem ser empregados com salários abaixo da média durante períodos de expansão econômica e sumariamente demitidos sem graves consequências políticas durante períodos de contração, é um elemento essencial de todas as economias capitalistas.

A utilização da mão-de-obra de reserva prejudica a posição dos trabalhadores regularmente empregados vis-à-vis capital e deprime os salários. Historicamente, as mulheres, as crianças, os migrantes internos das áreas rurais ou economicamente deprimidas de um país, as minorias étnicas e culturais nativas e as populações de imigrantes constituíram a maioria da força de trabalho de serviços de reserva e de produção. Em muitos países desenvolvidos do Norte global, os migrantes indocumentados do Sul global constituem o núcleo da força de trabalho de reserva (MILES, 1986).

Essas três forças econômicas fundamentais da produção capitalista são facilmente observáveis em todas as migrações em massa dos trabalhadores e suas famílias desde o início da Revolução Industrial. As várias estratégias emergentes de migração gerenciada representam as últimas tentativas dos países desenvolvidos do Norte global para manter sua hegemonia econômica no século XXI.

A gestão das migrações

A estratégia emergente de migração gerenciada em conjunto com a bem estabelecida estratégia de deslocalização de indústrias manufatureiras e de

serviços dos países desenvolvidos para explorar a mão-de-obra barata nos países em desenvolvimento são as duas principais estratégias de globalização neoliberal para manter os custos trabalhistas e manter altos níveis de acumulação de capital.

O paradigma da migração gerenciada combina o controle do fluxo de migrantes trabalhistas recrutados ativamente desde o Sul global, ao mesmo tempo em que minimiza os passivos econômicos e políticos da migração nos países receptores. Esta é a estratégia subjacente das políticas de imigração existentes baseadas no emprego. Os programas atuais vão desde programas de vistos semipermanentes e renováveis para trabalhadores migrantes de alta qualificação até programas temporários de vistos de curta duração para mão-de-obra semi e não qualificada.

O objetivo dos programas gerenciados de migração é fornecer o número ideal de trabalhadores de reserva para assegurar a acumulação de capital nos países do Norte global, evitando o passivo social e político de utilizar trabalhadores cidadãos ou conceder residência permanente ou cidadania aos trabalhadores migrantes. As estratégias emergentes de migração gerenciada preveem planos nacionais sancionados, administrados e aplicados pelos governos locais (PAPADEMENTRIOU et al., 2009).

Embora o movimento em direção à migração gerenciada tenha sido iniciado por países desenvolvidos, a Organização Internacional para as Migrações (OIM), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC) estão buscando maneiras de promover a migração global de mão-de-obra gerenciada, buscando outras práticas *freetrade* do capitalismo transnacional

(OIM; BANCO MUNDIAL; OMC, 2004).

De acordo com a análise marxista, o impacto das políticas migratórias gerenciadas será o de minar a posição das classes trabalhadoras em ambas as nações de trabalho e de exportação e exacerbar a megatendência da crescente desigualdade global e nacional que caracteriza o mundo moderno.

Críticas às teorias marxistas da migração

Por causa da orientação política radical das teorias marxistas da migração, elas têm sido historicamente submetidas a extensas críticas por economistas acadêmicos tanto neoliberais quanto *mainstream*. Enquanto alguns críticos admitem que a abordagem marxista explica as correlações de curto prazo entre as expansões e contrações periódicas das economias capitalistas e as políticas de imigração (incluindo a política informal de utilização do trabalho migrante ilegal), a maioria dos detratores se concentra em cinco críticas gerais contra as teorias marxistas da migração (MEYERS, 2000). Essas críticas precisam ser respondidas.

A primeira crítica questiona a asserção marxista de uma relação de longo prazo entre a acumulação de capital e a política de imigração destinada a fornecer serviços de reserva e mão-de-obra de produção. Essa crítica ignora a meteórica ascensão da imigração trabalhista (incluindo o estabelecimento de vários programas formais de trabalhadores temporários e a expansão das populações migrantes indocumentadas nos países capitalistas) que tem sido uma tendência importante sob a globalização neoliberal durante as últimas três décadas.

No início do século XXI, cerca de 11 a 12 milhões de imigrantes indocumentados (principalmente

cidadãos mexicanos) viviam e trabalhavam nos EUA, e vários milhões de trabalhadores sem papéis do Norte de África estavam empregados na França, o segundo maior hospedeiro de migrantes indocumentados.

A segunda crítica é que o foco econômico da abordagem marxista da migração está muito centrado na causalidade econômica para permitir que essas teorias expliquem as políticas de imigração de refugiados ou outras políticas. Esta crítica é simplesmente injustificada. A análise marxista de qualquer tendência de imigração ou outro evento nunca é o produto da aplicação mecânica de uma grande teoria unificada. Com base no materialismo histórico, a teoria marxista pode explicar os aspectos políticos e econômicos da migração. Um excelente exemplo disso é a crítica devastadora de Marx às políticas de emigração irlandesa forçada da Inglaterra e suas consequências no século XIX (MARX; ENGELS, 1953; CASTLES; KOSACK, 1985).

A terceira crítica das teorias marxistas da migração é que elas são demasiado estreitas para explicar as dimensões étnicas da imigração. Este ponto de crítica é inválido pelas mesmas razões que o segundo. Os aspectos étnicos da imigração são geralmente tão específicos para cada país e suas histórias únicas que o materialismo histórico, com sua ênfase em condições concretas e eventos em oposição à teoria abstrata, oferece o melhor método de análise disponível (BOVENKERK; MILES; VERBUNT, 1991).

A quarta crítica, de que as teorias marxistas da migração geralmente não explicam as políticas de migração durante a guerra, é simplesmente incorreta. Mesmo a análise mais apolítica do Acordo *Bracero* bilateral entre os Estados Unidos e o México

durante a Segunda Guerra Mundial para fornecer trabalhadores agrícolas mexicanos para substituir os americanos que estavam sendo recrutados e as subsequentes deportações em massa sob a Operação *Wetback* do governo dos EUA no período pós-guerra, demonstram a validade da abordagem marxista para entender a migração em tempos de guerra (CASTELLS, 1975).

A última crítica às teorias marxistas da migração é que elas se concentram exclusivamente nas nações capitalistas e não explicam a migração de mão-de-obra nos países socialistas. Embora uma análise materialista histórica da migração na ex-União Soviética e nos países do bloco da Europa Oriental seja instrutiva, o rápido colapso desses estados socialistas e a falta de dados confiáveis de suas administrações anteriores tornam este ponto de crítica discutível.

No caso da China, embora nominalmente uma nação socialista, a economia é claramente executada sob as políticas de capitalismo de Estado com padrões de migração de trabalho exploratórios e perturbadores que se assemelham aos de qualquer economia capitalista em desenvolvimento. A falta de dados atuais ou históricos da China impede qualquer análise definitiva (CHENG; BONACICH, 1984).

A guisa de conclusão

A migração no contexto da globalização é um fenômeno extremamente complexo. Os marxistas tentam a compreender as megatendências do mundo moderno, incluindo a migração em massa, em termos dos condutores econômicos descobertos através da aplicação rigorosa do materialismo histórico.

A análise marxista da migração não é objetiva, nem pretende ser – focaliza

incansavelmente os aspectos exploratórios e perturbadores da migração, buscando sempre bases para estratégias políticas para promover a justiça social entre as classes trabalhadoras de todos os países.

Referências

BERLIN, I. *His life and environment*. Tradução. 1. ed. London: Oxford University Press, 1963.

BOVENKERK, F.; MILES, R.; VERBUNT, G. Comparative Studies of Migration and Exclusion on the Grounds of "Race" and Ethnic Background in Western Europe: A Critical Appraisal. *International Migration Review*, v. 25, n. 2, p. 375, 1991.

CASTELLS, M. Immigrant Workers and Class Struggles in Advanced Capitalism: the Western European Experience. *Politics & Society*, v. 5, n. 1, p. 33-66, 1975.

CASTLES, S.; KOSACK, G. *Immigrant workers and class structure in Western Europe*. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 1985.

CHENG, L.; BONACICH, E. *Labor immigration under capitalism*. 1. ed. Berkeley, Calif.: University of California Press, 1984.

GORZ, A. Immigrant labor. *New Left Review*, v. 61, n. 1, 1970.

MARSHALL-GOLDSCHVARTZ, A. *The import of labour*. 1. ed. Rotterdam: Rotterdam University Press, 1973.

MARX, K. Excerpt from a Contribution to the Critique of Political Economy. In: FEUER, L. *Basic Writings on Politics and Philosophy: Karl Marx and Frederick Engels*. Garden City: Doubleday, 1959.

MARX, K. *The German Ideology*. Nova York: International Publishers, 1973.

MARX, K.; ENGELS, F. *Capital: A Critique of Political Economy*. 1. ed. New York: International Publishers, 1970.

MARX, K.; ENGELS, F. *O manifesto do partido comunista*. São Paulo: edipro, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. *On Britain*. Moscow: Progress Publishers, 1953.

MEYERS, Eytan. Theories of International Immigration Policy-A Comparative Analysis. *International Migration Review*, [s.l.], v. 34, n. 4, p.1245-1282, 2000. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/2675981>.

MILES, Robert. Labour migration, racism and capital accumulation in western Europe since 1945: an overview. *Capital & Class*, S.i., v. 1, n. 10, p.49-86, fev. 1986.

NIKOLINAKOS, Marios. Notes towards a general theory of migration in late capitalism. *Race & Class*, [s.l.], v. 17, n. 1, p.5-17, jul. 1975. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/030639687501700102>.

PAPADEMETRIOU, Demetrios G. et al. *Harnessing the Advantages of Immigration for a 21st-Century Economy: A Standing Commission on Labor Markets, Economic Competitiveness, and Migration*. 2009. Disponível em: <<http://www.migrationpolicy.org/research/harnessing-advantages-immigration-21st-century-economy-standing-commission-labor-markets>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PETRAS, Edward. The global labor market in the modern world economy. In: KRITZ, M. M.; KEELY, C. B.; TOMASI, S. M. *Global Trends in Migration*. Nova York: The Center For Migration Studies Of New York, 1981. p. 81-145.

PORTES, A; WALTSON, J. *Labor, Class, and the International System*. Nova York: Academic Press, 1981.

Trade and Migration Seminar. Disponível em: <http://www.wto.org/english/tratop_e/serv_e/sem_oct04_e/background_paper_e.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. Nova York: Academic Press, 1974.

ZINN, H. *A People's History of the United States: 1492-Present*. Nova York: Harpercollins, 2003.

Recebido em 2017-03-22
Publicado em 2017-10-05